

RECENSÃO / BOOK REVIEW

BRADLEY, Ian. *Dios es “verde”*. Cristianismo y medio ambiente. Traducido por Pedro J. Rivas. Santander: Editorial Sal Terrae, 1993. 163p.

Ian Bradley é jornalista e teólogo, doutor pela Universidade de Oxford, com a tese sobre a religião e a política na Grã-Bretanha no início do Século XIX e ministro da Igreja da Irlanda (Igreja Nacional da Irlanda).

O autor entra no debate ecológico e na necessidade da preservação e proteção ao meio ambiente, apresentando argumentos a partir da Bíblia, de Padres da Igreja, de Místicos e de outros cristãos que se destacaram ao longo do tempo em manifestar a presença de Deus na natureza, bem como na admoestação de que a natureza é também uma maneira de chegar a Deus. Seu propósito, como diz na Introdução, é mostrar que “a fé cristã é intrinsecamente ‘verde’; que a boa notícia do evangelho é promessa de libertação e plenitude para toda a criação” (p. 15). Adverte que o encontro deste evangelho verde exige a superação do antropocentrismo, que colocou o homem e não a Deus no centro do universo e transformou a Igreja, especialmente a ocidental, “em um dos mais importantes cúmplices da exploração e contaminação dos recursos da terra (p. 15)”. Esta crítica é feita ao Cristianismo pelo Movimento Verde e por outros órgãos voltados à avaliação dos problemas ambientais e em publicações nos meios científicos.

No primeiro capítulo, ao falar do interesse de Deus por toda a criação, observa como a tradição protestante e também a católica contribuiu, ao longo de séculos, para o antropocentrismo e a dominação do homem sobre a natureza, a partir de uma leitura descontextualizada, anacrônica e limitada dos textos do Antigo Testamento. De outra parte, apresenta autores que fazem uma releitura dessa posição, tanto no horizonte dos estudos bíblicos quanto da Teologia.

O segundo capítulo contra-argumenta à responsabilização da tradição judaico-cristã pela exploração e dominação do homem sobre a natureza por tê-la despojado de seu mistério e sacralidade, em vista do

seu monoteísmo radical, abrindo caminho para a sua coisificação, sendo reduzida pela ciência moderna a objeto de interesse intelectual, ou seja, de observação, análise e quantificação, sem mais espaço para a veneração. Mencionando autores e citando diversos textos da Bíblia, defende que essa visão é alheia à tradição bíblica e ao Cristianismo primitivo, vindo de outras fontes que ganharam força no próprio Cristianismo, de modo especial no Ocidente, obliterando a dimensão sacramental da natureza, desenvolvida na Bíblia.

No terceiro capítulo, o autor trata do pecado original, visto não apenas como caída que afeta aos seres humanos, mas a toda a criação, fazendo ver a natureza como matéria degradada, corrupta e pecaminosa. A tradição cristã, especialmente a partir de Santo Agostinho, demonizando o cosmos, esquece que Deus viu que tudo o que havia criado era muito bom. Olhando os textos bíblicos no seu conjunto e conhecendo mais do contexto histórico-cultural dos antigos israelitas, é possível ler o pecado original e a queda da criação de várias maneiras, “sem negar a sensação de que existe uma profunda ambiguidade e imperfeição no mundo da natureza” (p. 93), como aquela que vê a própria natureza num processo de evolução e aperfeiçoamento constante onde os homens têm um papel importante de libertação e também aperfeiçoamento do mundo a desempenhar. Criados à imagem e semelhança de Deus, temos que trabalhar para que a nova criação inaugurada por Jesus Cristo possa, enfim, se estabelecer.

No quarto capítulo, o autor lembra que, se no Antigo Testamento, se projeta um mundo onde haverá harmonia na natureza, entre os homens e entre os animais, o Novo Testamento apresenta o Cristo cósmico, como aquele que trouxe esta situação, inaugurando a nova criação.

Observa o texto que a tradição ortodoxa oriental acentua Cristo “como aquele que com a sua vida santificou toda a matéria e através da sua morte e ressurreição arrasta consigo até Deus toda a criação” (p. 109), enquanto que no Ocidente, por conta do antropocentrismo desenvolvido aqui, vê-se a mensagem e a prática de Jesus dirigida somente aos humanos e, quando são mencionados os demais componentes da criação, em geral, é apenas para acentuar o domínio do homem sobre eles.

Ao longo deste capítulo, traz ilustrações de textos bíblicos e de autores cristãos, de várias tradições que veem, ao longo dos 2000 anos de Cristianismo, a encarnação de Deus como resgate de tudo e de todos, a presença permanente e dinâmica de Cristo no mundo e, ao mesmo

tempo, a natureza, no sentido amplo, o cosmos, enfim, como sacramento de Deus e Cristo como redentor de toda a criação.

O quinto capítulo, voltado ao papel dos seres humanos na criação, lembra que, indubitavelmente, na Bíblia o homem tem um papel diferenciado a desempenhar porque criado à imagem e semelhança de Deus de quem recebeu, de forma inequívoca, a missão de dominar a terra. Por isso, os cristãos não partilham da posição de uma volta à natureza selvagem como ideal de proteção ao meio ambiente.

Há que se retomar, no entanto, o dominar a terra no conjunto da Bíblia e no contexto israelita antigo para superar um antropocentrismo estranho ao entendido na tradição da Israel antiga para redescobrir, aprofundar e atualizar o domínio como administração. Administrar a terra no horizonte bíblico lembra a soberania de Deus a quem o administrador deve representar e prestar contas, trabalhando para o sustento da criação e para preservá-la para as gerações futuras. Aí a imagem do jardim, que traduz a ideia de uma ação benéfica e transformadora do mundo, “favorecendo, assim, esse misterioso processo de redenção cósmica pelo qual a terra se encherá do conhecimento de Deus, como as águas cobrem o mar” (p. 153).

Como conclusão, o autor oferece algumas sugestões práticas que podem ser implantadas, desde uma valorização maior de elementos da natureza em cultos e celebrações, até medidas que podem ser adotadas nas propriedades agrícolas mantidas pelas diferentes Igrejas.

O livro merece ser lido pela atualidade e relevância dos temas que aborda, pela retomada bíblica sob o horizonte da ecologia e da preservação do meio ambiente, pelas reflexões que desenvolve sobre o homem inserido no conjunto da criação, por trazer à memória cristãos que se destacaram na integração homem e natureza e pelos desafios que lança aos cristãos em geral para, a partir da sua fé, se associarem ao clamor da criação à espera da plenitude da nova criação, inaugurada em Jesus Cristo.

José Romaldo Klering